

***Bonsái*, de Alejandro Zambra: formas de ler**

Kinno Cerqueira (UEPB)\*  
ORCID 0000-0001-5973-4218

**Resumo:** O ensaio consiste em duas partes: na primeira, resumem-se algumas formas de ler *Bonsái*, novela de Alejandro Zambra; na segunda, toma-se posição em relação a essas formas de ler.

**Palavras-chave:** *Bonsái*; Alejandro Zambra; modos de ler

**Abstract:** The essay consists of two parts: the first one summarizes some ways of reading *Bonsái*, novel by Alejandro Zambra, and the second one is dedicated to assuming a position about them.

**Keywords:** *Bonsái*, Alejandro Zambra; ways of reading

Recebido em: 11 set. 2022

| Aprovado em: 10 out. 2022

---

\* Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: kinno\_cerqueira@hotmail.com.

**Macarena Silva C:** Bonsái como metaficção e paródia. A novela problematizaria as relações entre ficção e realidade a partir do recurso literário da metaficção (Silva C, 2007, p. 10). Escritura da escritura. Exercício de alusão autoconsciente a sua condição de artifício. Conceitos de transcendência e autonomia, incluindo os códigos do realismo narrativo, são postos sob suspeição (p. 11). “La imposibilidad de las certezas y la confusión entre realidad y ficción se explora recurrentemente en la escritura cuando el narrador incluye palabras como ‘quizás’, ‘al parecer’ o ‘quedemos en que pasó esto y no lo otro’, afirmaciones con las que incluso se pone en duda su propio conocimiento de los hechos” (p. 16). A artificialidade da obra literária no autodesvelamento do processo literário: algo como uma mentira que deve completar-se até converter-se em um bonsái (p. 17). A metaficção se entrança com a paródia. Certos tópicos literários são parodiados, postos sob um riso sarcástico: a inverdade da ideia de que a literatura completa e enriquece a existência dos que a leem (p. 10) e a necidade de modos tradicionais de compreensão e apropriação de uma tradição literária (p. 12). Julio e Emilia são “intelectuais” esnobes numa torre de marfim em plena ruína. Suas vidas são anódinas e banais, como se fossem autômatos destituídos de profundidade psicológica (p. 12). Tanto é que se unem pelo que não leram (*Em busca do tempo perdido*, de Proust) e separam-se pelo que, de facto, chegam a ler (*Tantalía*, de Macedonio Fernández) (p. 11). Nas antípodas de *La verdad de las mentiras*, de Mario Vargas Llosa, *Bonsái* parece insinuar algo como “Las mentiras de la verdad”. Ao parodiar sua própria escritura (p. 19), *Bonsái* daria margem para ser lida como uma novela profundamente literária que, no entanto, faz as vezes de manifesto anti-literatura? Talvez não tanto antipatia com a literatura quanto desconfiança das motivações e procedimentos que ordinariamente a assediam e encapsulam.

**Tomás Peters:** *Bonsái* como “estética da contenção”. A novela, sob uma angulação sociológica, poderia ser vista em sua relação com a pós-ditadura chilena (1973-1990) e as mudanças culturais postas em marcha desde a retomada da democracia em 1990. A neoliberalização, afilhada perversa da ditadura maldita, teria sido o eixo dessas mudanças (Peters, 2018, p. 139-140). *Bonsái* seria em grande parte uma tematização da vida chilena pós-ditadura, a qual estaria posta sob o signo da derrota socialista e da desilusão neoliberal (p. 146). Supostamente filiado a uma genealogia de autores como Diego Zúñiga, Alejandra Costamagna, Nona Fernández, Leonardo Sanhueza, Lina Meruane, Álvaro Bisama, Alejandro Zambra teria legado ao século XXI uma novela na qual se pode reconhecer “tanto un afán de hacer memoria, como una voluntad de dismantelar la idea de la gran historia” (147). A ideia geral de um bonsái: “el bonsái es un árbol pensado para ser reprimido, controlado, podado, contenido. Es un árbol al que se le impide crecer, desparramarse, dispersarse. Es un árbol concebido para su apreciación privada en una pequeña maceta” (p. 148). A ideia geral de *Bonsái*: uma novela breve cujas personagens são agentes de ações controladas segundo uma regulada margem de possibilidades (p. 148). A geração de jovens que figura em suas páginas é simples, banal, contida, talvez mesmo reprimida por um sentimento geral proveniente da impossibilidade de produzir esperanças coletivas que apontem para um novo amanhã. Não há grandes perturbações no interior das personagens. Tudo se passa de modo plácido. E isso perturba o leitor. É isso: a estética da contenção estaria a serviço de um efeito de perturbação? A arte narrativa de *Bonsái* sugere uma contenção de perguntas incômodas e uma contenção do grito raivoso acumulado (p. 157). “En estos términos, la estética de la contención se expresa en formas visuales y escritas que denotan la consciencia de un pasado aún no agotado (siempre vigente e irritante) y la experimentación cotidiana de una permanente desilusión con un tiempo histórico cínico y neoliberal” (p. 157). *Bonsái* não seria produto mimético de um tempo, mas a consciência incômoda de uma geração? Suas páginas mascam o contemporâneo para poder cuspi-lo?

**Bieke Willem:** *Bonsái* como narrativa do cotidiano. A narração do cotidiano seria o distintivo maior da novela. O cotidiano é o que sobra quando se eliminam as atividades especializadas<sup>1</sup> (Willem, 2014, p. 53). O cotidiano, nessa acepção, é de natureza funcional na novela. A técnica narrativa, a estilística, a simplicidade argumental, o delineamento das personagens: tudo é como é em virtude do modo de apropriação literária a que o cotidiano é submetido (p. 54). O cotidiano se manifesta, por exemplo, na persistência de conversações banais (a última conversa entre Anita e Emilia) e na recorrência de cenas plácidas (cultivar um bonsái, fumar e tomar café). Do começo ao fim, o cotidiano é o que sobressai. Seu efeito é a prevalência do anti-épico (p. 55). O cotidiano não figura, porém, sem importância: por um lado, equivale ao banal e ao desimportante, mas, por outro, é libertação do ordinário e revelação do espaço vivido (p. 66). Além disso, as práticas cotidianas de *Bonsái*, embora pareçam ter que ver exclusivamente com as vidas privadas de suas personagens, também podem ser interpretadas dentro do marco mais amplo da condição existencial contemporânea,<sup>2</sup> frequentemente marcada por “la sensación de no sentirse en casa” (p. 66).

**Felipe Oliver:** Bonsái como tradução do ofício literário. O bonsái seria um sugestivo símbolo que dota a novela de simplicidade argumental e complexidade estilística (Oliver, 2016, p. 217). O bonsái seria um símbolo que reclama certas significações para a urdidura da narração e para a feitura das personagens. A ancestral técnica oriental de cultivar árvores e controlar-lhes o tamanho encontraria correspondência no pouco tamanho da novela (menos de 100 páginas), bem como na opção por apresentar personagens apenas delineados e na escolha de um enredo tão simples, que poderia ser resumido num só parágrafo (p. 218). À semelhança dos bonsáis, as personagens têm vidas comezinhas e resguardadas de grandes mudanças; a rigor, não existe um antes e um depois na vida das personagens, senão uma espécie de fatalidade que acede sem se debater. Sob a perspectiva do bonsái, o processo criativo figuraria contranatural e mesmo fútil (p. 219): se, por um lado, a literatura não estaria assujeitada pela lógica da vida, tampouco seria portadora dos efeitos de desbanalização que os leitores amiúde creem experimentar (em verdade, em verdade, rareiam leituras que sejam experiências de afecção). Mas um bonsái não é nada simples: está entre as artes mais engenhosas que o oriente legou ao mundo. *Bonsái*, como obra literária, anda longe de ser simples: tal como um bonsái, *Bonsái* é pura experimentação.

\*\*\*

A inclinação à paródia não é novidade na literatura, mas singulariza-se nas páginas de *Bonsái*<sup>3</sup>. *Bonsái* sumariza tópicos da literatura e da crítica literária com o fim de parodiá-los por vários lados. O mais curioso é, porém, sua autoparódia, a qual se faz por meio da autofiguração de um narrador que revela suas indecisões e opções narrativas ao longo da novela. Ao mesmo tempo, como metaficção, *Bonsái* assemelha-se a um número especial de um mágico, haja vista que o fazer literário é assumido, em muitos momentos, como artifício urdido num engenhoso jogo de possibilidades. Mas não se deve confiar tanto no narrador dessa novela: não se sabe bem quando ele está falando a verdade ou manipulando-a ironicamente. Uma verdade de *Bonsái* é que a verdade é irremediavelmente mediada pela manipulação e sempre apresentada num complexo jogo de escolhas. A leitura por essa via

<sup>1</sup> Willem tomou esse conceito de cotidiano de Sheringham, que, por sua vez, tomara-o de Lefebvre.

<sup>2</sup> Willem fala, na verdade, de condição existencial “pós-moderna”, mas esse conceito não tem sentido algum para mim.

<sup>3</sup> A Bíblia, por exemplo, está repleta de paródias, das quais a que mais me salta aos olhos é a narração de Jesus, aclamado como filho de Davi, entrando em Jerusalém montado num jumentinho emprestado quando o povo tinha na cabeça a antiga narrativa de Salomão (filho de Davi) entrando e desfilando em Jerusalém sobre uma mula real, por ocasião de seu coroamento.

pode ser promissora sob vários aspectos, especialmente por seu efeito desorganizador das “verdades” que sustentam o discurso sobre a missão soteriológica da literatura.<sup>4</sup>

Sua estética da contenção dá o que pensar. Não é de todo certo dizer que *Bonsái* seja um esboço de uma novela ou uma novela reduzida a seu mínimo. Ao menos não é o que se sente no ato da leitura. Pelo contrário, lê-se *Bonsái* como uma obra literária completa em si mesma: se não fossem afirmações metaficcionalis do narrador (p. ex.: “Quiero terminar la historia de Julio, pero la historia de Julio no termina, ése es el problema”, p. 92), dificilmente se poderia falar numa estética da contenção. A contenção, contudo, parece ser mais um artifício do narrador e resulta numa explosão de possibilidades de significação para a obra, fazendo o leitor deparar com uma verdadeira “opera operata”, lembrando um título-conceito de Umberto Eco. Ainda a propósito da estética da contenção, poder-se-ia lembrar uma ideia que, vez por outra, se insinua em Auerbach: a de que economia narrativa pode ser um artifício a serviço da intensificação dos sentidos. Parece ser o caso de *Bonsái*. A leitura da novela sob a hipótese de uma estética da contenção pode interessar porque abre caminho para retomar uma forma de ler que está em franco declínio: aquela que se interroga pela dimensão de “sistema” da obra literária.

Conceber *Bonsái* como narrativa do cotidiano resulta de uma percepção inteligente. Como apontado alhures, as figurações do cotidiano presentes em *Bonsái* não são meras cenas sem mais nem menos: ao contrário, aparecem de modo funcional, ou seja, como dispositivos que fazem a obra ser o que é. O leitor de *Bonsái* está em seu mundo de leitor e, no entanto, esse seu mundo passa a ser-lhe estranho. Não que seja igual – longe disso! –, mas o cotidiano de *Bonsái* é alguma coisa que não plenamente diferente dos cotidianos epifânicos das crônicas de Caio Fernando Abreu. O cotidiano é dignificado. A leitura por essa via pode prestar grande contributo à vida das pessoas pela seguinte razão de que a maior parte de nossas vidas é forjada e consumida pelo e no cotidiano; elevar o cotidiano à categoria de assunto maior significa conferir dignidade, atenção e também despeito e desejo de destruição, àquilo que sempre nos assedia no ordinário da vida. A vida é o ordinário, é toda feita de cotidianidades.

A leitura de *Bonsái* sob o signo/símbolo do bonsái é, ao mesmo tempo, a proposta mais simples e mais complexa. É verdade que a própria obra literária se apresenta tatuada com a proposição segundo a qual escrever seria como cuidar de um bonsái; ouvimos essa ideia da boca de Julio, nas últimas páginas da novela, mas ela já vinha se insinuando desde o princípio, inclusive nos elementos paratextuais da novela (título e capa, p. ex.). Ora, a procura por imagens que traduzam o fazer literário é sobejamente tratado pela própria literatura; no Brasil, Drummond e João Cabral são dois escritores, dentre outros tantos, que versaram literariamente sobre o assunto.<sup>5</sup>

*Bonsái* tem suas particularidades.

O bonsái traduz o ofício literário, mas não totalmente, uma vez que, a rigor, dois fazeres jamais se equivalem totalmente e toda comparação é falsa. Escrever não é como cuidar de um bonsái. Escrever é escrever, cuidar de um bonsái é cuidar de um bonsái. O narrador deixa essa afirmação por conta de Julio, ele mesmo não quis assumi-la como sua, e a comparação é artificiosa, até mesmo artilosa. A razão para dizê-lo dessa forma é que o bonsái, na qualidade de vegetal, é bem menos controlável do que a literatura.

O senso comum emprega o gerúndio “vegetando” para designar o estado de uma pessoa cuja vitalidade está drasticamente reduzida, geralmente de alguém que não contaria

<sup>4</sup> Soteriologia (σωτήριος = salvação + λόγος = estudo/discurso) é um campo da teologia que se dedica ao estudo da salvação humana. Obviamente, se o tema se sagrou na teologia, esta não é seu limite.

<sup>5</sup> A respeito da metapoesia de Drummond, veja-se, por exemplo: FREITAS, Anícia Maria Gonçalves Sousa. *A Metapoesia de Carlos Drummond de Andrade: uma arte poética in actu*. Dissertação (Mestrado em Ensino da Língua e Literatura Portuguesas) – Centro de Artes e Humanidades, Universidade da Madeira. Funchal, 2008. p. 211; e sobre a metapoesia de João Cabral: DAMAZO, Francisco Antonio Ferreira Tito. A metapoesia em João Cabral de Melo Neto e em Paulo Henriques Britto. *Revista ECOS*, v. 19, n. 2, p. 71-81, 2015.

mais entre os vivos, não fosse o empenho de enfermeiros, médicos e todo um aparato de máquinas capazes de prolongar o que a ciência médica insiste em chamar de vida. O gerúndio vegetando ou o adjetivo vegetativo são por demais infelizes. Steven Vogel e Emanuele Coccia estão entre os nomes que lançaram diante de nosso rosto nossa honrada ignorância a respeito da vida vegetal e, ao mesmo tempo, nos abriram um mundo até então desconhecido ou pelo menos restrito a iniciados em determinadas áreas da ciência.<sup>6</sup>

O que a cada segundo acontece numa simples folha é mais estupendo que toda a obra de William Shakespeare. Um bonsái, nunca se deve esquecer, não deixa de ser um vegetal, não abandona jamais sua condição de planta: pode-se podá-lo e conduzi-lo, mas sua dinâmica biológica permanece magicamente autônoma e contraventora; se faz acordos e negocia, é porque, ao contrário do que costuma pensar, as plantas são insuperáveis em termos de percepção das condições circundantes e as mais inventivas em modos de adaptação. Se escrever for como cuidar de um bonsái, a escrita literária terá de ser vista como uma luta perdida com as palavras. E a leitura, como uma entrada corajosa nesse mundo em que nada pode ser dominado e muito menos encapsulado nas malhas da gramática. Um bonsái não é uma coisinha reduzida a um tamanho humilhante: é a teimosia irreverente de um vivente.

## Referências

- COCCIA, Emanuele. **A vida das plantas: uma metafísica da mistura**. Tradução de Fernando Scheibe. Florianópolis: Editora Cultura e Barbárie, 2018.
- DAMAZO, Francisco Antonio Ferreira Tito. A metapoesia em João Cabral de Melo Neto e em Paulo Henriques Britto. **Revista ECOS**, v. 19, n. 2, p. 71-81, 2015.
- FREITAS, Anícia Maria Gonçalves Sousa. **A Metapoesia de Carlos Drummond de Andrade: uma arte poética *in actu***. Dissertação (Mestrado em Ensino da Língua e Literatura Portuguesas) – Centro de Artes e Humanidades, Universidade da Madeira. Funchal, 2008.
- OLIVER, Felipe. Alejandro Zambra. El cultivo del relato literario. **Verba Hispánica**, v. 24, n.1, p. 217-229, 2016.
- PETERS, Tomás. Alejandro Zambra: hacia una estética de la contención en el Chile contemporáneo. **Poligramas**, n. 47, p. 137-163, 2018.
- SILVA C., Macarena. La conciencia de reírse de sí: metaficción y parodia en Bonsái de Alejandro Zambra. **Taller de Letras**, n. 41, p. 9-20, 2007.
- VOGEL, Steven. **La vida secreta de una hoja**. Traducción de María Hernández Cruz. México: FCE, IPN, 2018.
- WILLEM, Bieke. Narrar la frágil armadura del presente. La paradójica cotidianidad en las novelas de Alejandro Zambra y Diego Zúñiga. **Interférences littéraires/Littéraire interférenties**, n.13, p. 51-67, 2014.
- ZAMBRA, Alejandro. **Bonsái**. Barcelona: Anagrama, 2006.

---

<sup>6</sup> VOGEL, Steven. La vida secreta de una hoja. Traducción de María Hernández Cruz. México: FCE, IPN, 2018; COCCIA, Emanuele. A vida das plantas: uma metafísica da mistura. Tradução de Fernando Scheibe. Florianópolis: Editora Cultura e Barbárie, 2018.